

# Petróleo, armas e dinheiro: A Arábia Saudita e o poder global dos Estados Unidos (2001 - 2018)

Oil, weapon and money: Saudi Arabia and the  
global power of the United States (2001 - 2018)

**FERNANDA CASTRO GASTALDI** | fernandacgastaldi@hotmail.com

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais do Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia (PPGRI/UFU); Pesquisadora Bolsista do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Estudos sobre os Estados Unidos (INCT-Ineu)

**FILIFE MENDONÇA** | mendonca@ufu.com.br

Professor do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais do Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia (PPGRI/UFU); Pesquisador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Estudos sobre os Estados Unidos (INCT-Ineu)

**Recebimento do artigo** Julho de 2019 | **Aceite** Agosto de 2019

**Resumo** Este trabalho buscará demonstrar que a Arábia Saudita é elemento-chave na defesa de interesses estratégicos dos EUA no Oriente Médio. A Arábia Saudita possui a maior capacidade produtiva mundial (13% da produção em 2003) de petróleo, é o principal exportador capaz de aumentar sua produção durante crises globais, atua como comprador de armas do complexo industrial-militar estadunidense e ocupa importante papel na balança de poder regional. Diante disso, argumentamos que a Arábia Saudita atua como um importante pilar para o exercício do poder global dos EUA. Com isso em mente, buscaremos mapear algumas diretrizes de relação bilateral entre Estados Unidos e Arábia Saudita entre 2001 e 2018, com destaque para dois eixos principais: Primeiro, buscaremos demonstrar que os Estados Unidos e Arábia Saudita são mutuamente dependentes na produção e consumo de petróleo; Segundo, buscaremos demonstrar a Arábia Saudita ocupa papel importante na compra de excedentes do complexo industrial-militar estadunidense. **Palavras-Chave** Estados Unidos, Arábia Saudita, Poder Global.

**Abstract** This work aims to demonstrate that Saudi Arabia is a key-element in the defense of strategic interests of the USA in the Middle East. Saudi Arabia has the world biggest capacity of production (13% of the world production in 2003) of crude, it's the main exporting country capable of increase its production during global crises, acts as a buyer of guns of the U.S. military-industrial complex and occupies an important role in the region's balance of power. Therefore, we argue that Saudi Arabia acts as an important pillar for the exercise of the global power of the United States. Bearing this in mind, we will seek to map some guidelines of the bilateral relation between United States and Saudi Arabia in the period amidst 2001 and 2018, highlighting two main axes: First, we will seek to demonstrate that the United States and Saudi Arabia are mutually dependent in the production and consumption of oil; Second, we will seek to demonstrate that Saudi Arabia plays an important role in purchasing surpluses from the US military-industrial complex. **Keywords** United States, Saudi Arabia, Global Power.

## Introdução

Por sua abundância em recursos petrolíferos combinada à uma localização geográfica estratégica, o Oriente Médio é uma região de suma importância para o exercício do poder global dos Estados Unidos. Inúmeras intervenções, diretas e indiretas, do *hegemon* na região foram bem documentadas pelos historiadores da política externa dos Estados Unidos. Embora as causas destas intervenções sejam múltiplas, sabe-se que o petróleo e as armas foram (e ainda são) importantes motivadores de ações hegemônicas no Oriente Médio - ações estas que visavam à amplificação e à manutenção do poderio econômico, político e militar dos Estados Unidos.

Dentre os países da região, a Arábia Saudita se destaca como elemento-chave na defesa de interesses estratégicos dos Estados Unidos no Oriente Médio. O Reino Saudita possui a maior capacidade produtiva mundial (13% da produção em 2003) de petróleo, é o principal exportador capaz de aumentar sua produção durante crises globais, atua como comprador de armas do complexo industrial-militar estadunidense e ocupa importante papel na balança de poder regional. Ademais, a Arábia Saudita é considerada pelos Estados Unidos ator importante em negociações de paz entre árabes e israelenses e na política estadunidense para combate ao terrorismo.

Nesse sentido, argumentamos que a Arábia Saudita atua como um importante pilar para o exercício do poder global dos EUA. Para isso, buscaremos – por meio de revisão bibliográfica, pesquisa documental e histórica, e análises quantitativa e qualitativa das fontes selecionadas – mapear algumas diretrizes de relação bilateral entre Estados Unidos e Arábia Saudita entre os anos 2001 e 2019. Destacaremos dois eixos: Primeiro, buscaremos demonstrar que Estados Unidos e Arábia Saudita são mutuamente dependentes na produção e consumo de petróleo; segundo, buscaremos demonstrar que a Arábia Saudita ocupa papel importante na compra de excedentes do complexo industrial-militar estadunidense. Concluímos que os atores mantêm uma relação de interdependência estrutural e que essa relação é fundamental para o poder global dos Estados Unidos.

## 1. PETRÓLEO: ABUNDÂNCIA E INTERDEPENDÊNCIA

*“My point to His Majesty is going to be, when consumers have less purchasing power because of high prices of gasoline – in other words, when it affects their families, it could cause this economy to slow down. [...] If the economy slows down, there will be less barrels of oil purchased”* (George W. Bush, 2008 apud THE NEW YORK TIMES, 2008).

Em 1932, Ibn Saud declarou formalmente a criação do Reino da Arábia Saudita. Já no ano seguinte, em 1933, o Reino iniciou uma aliança com os Estados Unidos, quando a companhia estadunidense SoCal obteve – em troca de grande quantidade de dinheiro – autorização para explorar o petróleo do país por setenta anos. Desse modo, a Arábia Saudita expandiu rapidamente suas receitas públicas: de US\$10 milhões em 1946 para US\$212 milhões em 1952. Os Estados Unidos forneceram à Arábia Saudita a base financeira do Estado moderno. E consolidou-se, assim, uma economia

rentista no país que persiste nos dias atuais (BRAGAGLIA, 2015, p. 19; BARRETT, 2015, p. 39-69).

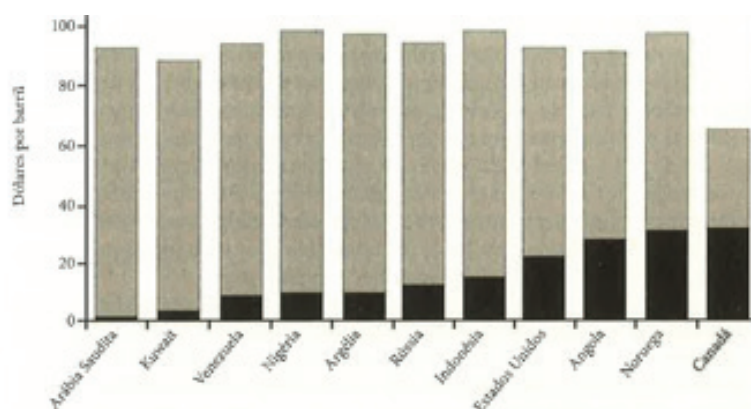
De 1860 até meados dos anos 1970, os Estados Unidos eram o líder mundial tanto na produção quanto no consumo de petróleo. No entanto, em outubro de 1970, a produção estadunidense atingiu seu ápice histórico e começou a decair. Por outro lado, o consumo norte-americano continuou crescendo rapidamente. Dessa forma, as importações estadunidenses dobraram entre 1969 e 1973. Conseqüentemente, os Estados Unidos perderam o status de produtor “*swing*”, isto é, produtor com o poder de balançar o mercado (ROSS, 2015, p. 72-73).

Um fator de suma importância para compreensão do fim da supremacia estadunidense no mercado petrolífero internacional é a fundação da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), em 1960. Nos anos posteriores à criação da Organização - nas décadas 1960 e 1970 - houve uma onda de nacionalizações das indústrias nos países-membros. E isso levou ao declínio do oligopsonio das chamadas Sete Irmãs<sup>1</sup>, que, ao final dos anos 1950, controlavam aproximadamente 98% do petróleo comercializado no mundo fora do bloco comunista e dos Estados Unidos. A Arábia Saudita, como detentora de grandes reservas de petróleo, desempenhou papel crucial na criação da Organização (ROSS, 2015, p. 70-74; LEVY, 1982, apud ROSS, 2015, p. 56).

Hoje, é possível afirmar que o Reino Saudita possui a maior capacidade produtiva mundial no que se refere ao petróleo. Embora ocupe a segunda posição mundial no *ranking* de reservas provadas<sup>2</sup> e o segundo em produção<sup>3</sup>, é o maior exportador global e, entre os grandes produtores, aquele que tem a influência política proveniente de estreitos laços com a potência hegemônica norte-americana. Ainda, é aquele que exerce papel de liderança em organizações internacionais relevantes, a exemplo da OPEP.

A Arábia Saudita tem a capacidade de extrair petróleo a um custo inferior em relação aos seus concorrentes, o que lhe garante vantagens competitivas e maior poder de mercado no setor. O país pode afetar unilateralmente os preços globais, sendo capaz de, por exemplo, aumentar sua produção durante crises a fim de manter a oferta e atenuar efeitos de uma elevação no preço do petróleo bruto (ROSS, 2015, p. 36; HAYNES, 2009, p. 63).

**Figura 1. Os preços e as receitas de petróleo em países selecionados, 2008**



A altura das barras representa o preço do petróleo exportado por cada país em janeiro de 2008. As seções mais escuras representam os custos de extração, e as mais claras, as receitas. Fontes de dados: Energy Information Administration Web (2009); Hamilton e Clemens (1999). Extraído de: Ross (2015, p. 55).

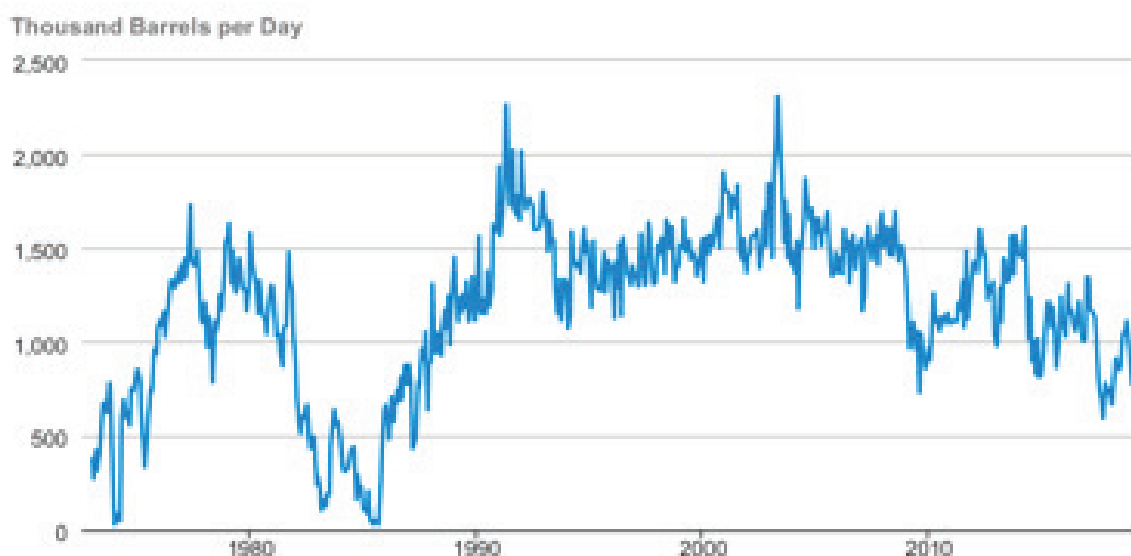
1 As sete empresas eram a Standard Oil de New Jersey (mais tarde Exxon), a Standard Oil da Califórnia (futura Chevron), a Anglo-Iranian Oil Company (posteriormente BP), a Mobil, a Texaco, a Gulf e a Royal Dutch Shell. Por volta de 2010, essas empresas consolidaram-se em quatro (Exxon-Mobil, BP, Shell e Chevron Texaco) e ainda estavam entre as maiores companhias de petróleo do mundo (ROSS, 2015, p. 25).

2 Atrás, apenas, da Venezuela (CIA, 2018).

3 Atrás, somente, da Rússia (CIA, 2018).

Os Estados Unidos são os maiores consumidores de petróleo do mundo em termos absolutos. Investimentos massivos vêm sendo realizados no setor petrolífero doméstico desde 2001, quando o então presidente George W. Bush anunciou a *National Energy Policy* (Política Nacional de Energia) que visava à redução do crescimento da dependência norte-americana do petróleo importado diante das estimativas de que, se as tendências fossem mantidas, os Estados Unidos importariam dois terços do seu consumo de petróleo em vinte anos. Desde então, a produção doméstica foi marcadamente incentivada. E isso, combinado ao desenvolvimento de fontes alternativas de energia, resultou na desaceleração da taxa de aumento do consumo de petróleo e outros combustíveis líquidos, verificada também em outros países da OCDE. Nos Estados Unidos, a redução das importações de petróleo saudita foi significativa. A Figura 2 apresenta este decréscimo (NEP, 2001; FUSER, 2008, p. 208-209).

**Figura 2. Importações dos EUA de petróleo saudita**



Fonte: U.S. Energy Information Administration (2019).

No entanto, mesmo com a redução das importações pelo aumento da produção doméstica, os Estados Unidos não são autossuficientes em petróleo. Como já mencionado, o país é o maior importador de petróleo do mundo. Suas importações, segundo dados apresentados pela CIA (2018), ultrapassam o montante exportado pela Arábia Saudita para o mundo inteiro. A Tabela 1 apresenta dados referentes à produção, exportações, importações, consumo e reservas provadas de petróleo - da Arábia Saudita e dos Estados Unidos, respectivamente.

**Tabela 1. Quadro comparativo Arábia Saudita e Estados Unidos - petróleo**

	<b>Arábia Saudita</b>	<b>Estados Unidos</b>
<b>Produção</b>	10.460.000 barris/dia (2º)	8.853.000 barris/dia (3º)
<b>Exportações</b>	7.273.000 barris/dia (1º)	590.900 barris/dia (21º)
<b>Importações</b>	0 barril/dia (194º)	7.850.000 barris/dia (1º)
<b>Consumo</b>	2.643.000 barris/dia (5º)	19.150.000 barris/dia (1º)
<b>Reservas provadas</b>	266.499.997.696 barris/dia (2º)	36.520.001.536 barris/dia (11º)

Os números ordinais entre parênteses indicam a posição do país no ranking internacional em cada item considerado, segundo o Index Mundi (2019). Fonte de dados: CIA (2018). Elaboração nossa.

O mercado petrolífero possui algumas características singulares, tais como a volatilidade dos preços e seu uso como barganha e retaliação política. Dessa forma, é possível verificar mudanças significativas num curto espaço de tempo, ainda que a demanda seja inelástica. Dessa forma, o ranking internacional pode alterar-se com relativa facilidade. Isso, entretanto, não impede avaliações essenciais.

Primeiro, é evidente que existe interdependência entre o maior exportador (Arábia Saudita) e o maior importador (Estados Unidos) de petróleo. E isto vai além do mero fato de que o primeiro precisa vender e o último precisa comprar. Por essa visão, o mais vantajoso para os Estados Unidos seria obter petróleo abundante e barato, enquanto o mais benéfico para a Arábia Saudita, como ofertante, seria expandir lucros pela exploração dos preços, dado seu poder de mercado.

No entanto, faz-se necessário considerar um segundo fator. Para que a indústria petrolífera estadunidense cresça, é preciso que a produção interna seja vantajosa para os Estados Unidos. Se for mais barato importar do que produzir, torna-se inviável a produção interna sem grandes investimentos estatais ou medidas protecionistas de alto custo político e econômico. Por fim, o mercado petrolífero está inserido no sistema capitalista neoliberal, em última instância, gerido pela potência hegemônica responsável por sua institucionalização e expansão pelo mundo. Nesse sentido, os Estados Unidos são gestores do sistema econômico mundial, dentro do qual o mercado de petróleo encontra-se e é dependente. Portanto, no que tange ao petróleo, Estados Unidos e Arábia Saudita são mutuamente dependentes e precisam coordenar políticas a fim de obter condições propícias ao desenvolvimento de ambos.

## 2. ARMAS E DINHEIRO: O COMPLEXO INDUSTRIAL-MILITAR ESTADUNIDENSE E O CLIENTE INDISPENSÁVEL

*“Sometimes we have to balance our need to speak to them about human rights issues with immediate concerns that we have in terms of countering terrorism or dealing with regional stability” (Barack Obama, 2015 apud CNN, 2015).*

Localizado à margem sudoeste do *Heartland* definido por Mackinder (1919), e incluso no *Rimland* de Spykman (1942), o Oriente Médio é reconhecido como área primordial a um projeto de domínio global, com base em teorias da geoestratégia formuladas no período entreguerras. Como Mackinder, Spykman acreditava que, se o território eurasiático fosse dominado por um único ator, este acumularia capacidade de projetar poder nos oceanos Pacífico e Atlântico e, assim, cercar o Hemisfério Ocidental (SANTOS, 2009, p. 1-10; ROCHA E ALBUQUERQUE, 2014, p. 6).

Os Estados Unidos reconhecem o valor estratégico da região desde o início da implementação do projeto hegemônico norte-americano (ao término da Segunda Guerra Mundial). Os atuais estrategistas e formuladores de políticas mantêm-se fiéis à concepção de Adolf A. Berle (influente consultor do presidente Franklin Delano Roosevelt) de que o controle das reservas energéticas do Oriente Médio propiciaria “um controle substancial do mundo”. Consequentemente, crêem que a perda desse controle ameaçaria o projeto de dominação global norte-americano, já articulado durante a Segunda Guerra Mundial. Segundo Chomsky (2017), a estratégia de Berle sustenta-se ainda hoje, mesmo após mudanças significativas pelas quais o sistema internacional passou desde então (CHOMSKY, 2017, p. 62).

Historicamente, afirma Hobsbawm (2007), os impérios podem ter sido formados pela força militar e consolidados pelo terror. Contudo, para perdurar, careciam de dois principais instrumentos: “a cooperação com os interesses locais e a legitimidade do poder efetivo, em conjugação com a exploração da desunião dos adversários e dos súditos”. Essa é a estratégia denominada *divide et impera* (dividir para dominar), que consiste em manter controle sobre determinada área mediante a fragmentação das unidades de poder locais, impedindo que essas unidades mantenham-se individualmente (HOBSBAWM, 2007, p. 83).

Ao analisar conflitos recorrentes no Oriente Médio, grande parte deles com participação estadunidense, verifica-se que *divide et impera* é a estratégia de longa data aplicada pela potência norte-americana na região. Nesse contexto, é possível afirmar que o ditado latino “*Inter duos litigantes, tertius gaudens*” (“Entre dois litigantes, o terceiro se alegra”) faz sentido. Os Estados Unidos tiram proveito dos conflitos civis e interestatais para criar uma estrutura na qual os países do Oriente Médio são inseridos como “raios” do “cubo da roda” de Washington<sup>4</sup>, ou seja, mais dependentes dos Estados Unidos do que uns dos outros (ARRIGHI, 2008, p. 293-305).

A guerra conserva papel essencial na implementação do projeto hegemônico estadunidense, de sua origem (quando os Estados Unidos beneficiaram-se dos conflitos entre as potências europeias durante as Guerras Mundiais) aos dias atuais. Particularmente no que tange ao Oriente Médio, um apaziguamento entre os maiores exportadores de petróleo não seria vantajoso para os Estados Unidos, pois propiciaria o estabelecimento de políticas mais favoráveis aos Estados produtores e limitaria o intervencionismo norte-americano na região. O cenário descrito não é novidade aos *policymakers* estadunidenses. Já em 1992, Loy Henderson, embaixador estadunidense em Teerã, afirmou:

Parece quase inevitável que em algum momento no futuro os países do Oriente Médio não venham a juntar-se e decidir sobre uma política unificada que

---

4 Analogia feita pelo comentarista alemão Josef Joffe para descrever as relações entre a Grã-Bretanha, a Rússia e a Áustria (os “raios”) e a Prússia de Bismarck (o “cubo da roda”).

venha a ter efeitos desastrosos [...] uma continuidade e ampliação de dependência do Ocidente de petróleo do Oriente Médio poderão eventualmente colocar os consumidores [...] à mercê dos produtores da região (HENDERSON, 1992 apud YERGIN, 1992, p. 477; tradução FELDBERG, 2008, p. 43).

Outrossim, a solução dos conflitos no Oriente Médio resultaria na concretização das previsões de Akcelrud (1991) que, ainda que pensadas sobre a resolução da guerra israelo-palestina, é passível de aplicação a um cenário mais amplo:

Os privilégios feudais, os grandes negócios petrolíferos, os superlucrativos negócios da indústria bélica, os controles estratégicos, todo o complexo de exploração e dominação do Oriente Médio estará em risco no dia em que [...] decidirem pela “paz entre nós, guerra aos senhores” (AKCELROD, 1991, p. 73).

O terrorismo apresenta-se frequentemente como justificativa para o intervencionismo norte-americano na região. Sobre essa questão, a Arábia Saudita desempenha um papel controverso. A ideologia da Al-Qaeda, do autodenominado Estado Islâmico e de outros grupos fundamentalistas é uma interpretação extremada do Wahabismo<sup>5</sup>, subdivisão do islamismo sunita adotada oficialmente pela Monarquia Islâmica saudita (COCKBURN, 2015; DORSEY, 2016). Segundo Kissinger (2015), ao financiar as chamadas “madrassas” (escolas religiosas), que pregam a doutrina wahabista pelo mundo, os sauditas cumpriram com seus deveres como muçulmanos e, ao mesmo tempo, tomaram uma medida defensiva ao fazer com que adeptos ajam como missionários no exterior – e não no interior do reino. Esse projeto, todavia, teve consequências imprevistas por alimentar um fervor anti-americanista e jihadista que, ao final, acabaria por ameaçar a monarquia saudita e seus aliados. Ainda assim, como conflitos são fundamentais à execução do projeto hegemônico estadunidense (como anteriormente afirmado), a contribuição – intencional ou não – da Arábia Saudita nesse quesito faz-se aparente. O terrorismo afeta o Oriente Médio impulsionando a “Guerra ao Terror” e alimentando conflitos civis e interestatais na região. Justifica-se, assim, o intervencionismo dos Estados Unidos e aumenta-se a dependência dos aliados da segurança a eles fornecida pelo *hegemon* (KISSINGER, 2015, p. 143).

Ademais, a Arábia Saudita ampara o intervencionismo estadunidense no Oriente Médio ao eventualmente exercer papel de “balanceador *offshore*” e ceder território para a construção de bases militares norte-americanas. No fim da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos construíram uma base aérea em Dhahran (território saudita) e, durante a Guerra Fria, a Arábia Saudita serviu como aliado estrategicamente localizado e desempenhou papel antagonista à URSS onde os Estados Unidos não podiam marcar presença. Ao longo da Guerra do Golfo, aproximadamente quinhentos mil soldados norte-americanos abrigaram-se na Arábia Saudita, principal plataforma terrestre para a operação militar que expulsou os iraquianos do Kuwait. No transcorrer da década de 1990, os Estados Unidos mantiveram em média cinco mil militares na Arábia Saudita e, no período de 1991 a 2000, mais de 240 mil missões individuais foram realizadas pela Força Aérea

---

5 O Wahabismo consiste numa subdivisão do islamismo sunita que busca fazer o islamismo retornar às suas raízes originais, desprezando, dessa forma, ensinamentos das escolas ocidentais, relegando mulheres ao papel de cidadãs de segunda classe e hostilizando muçulmanos que não partilham de sua interpretação particular do Islã (no que se incluem, sobretudo, xiitas) (COCKBURN, 2015).

dos Estados Unidos a partir de bases em território saudita. Nesse intervalo de tempo, empresas de armamento norte-americanas venderam cerca de US\$ 40 bilhões em equipamentos militares para a Arábia Saudita, e o país tornou-se o melhor cliente estrangeiro do complexo industrial-militar estadunidense (BRAGAGLIA, 2015, p. 19; FUSER, 2008, p. 83-218).

Hoje, a Força Aérea saudita é a mais bem preparada do Golfo Pérsico, com contingente de 34 mil ativos equipados com alta tecnologia. A Marinha saudita está entre as mais desenvolvidas da região, com instalações modernas e bom sistema de comando e controle. Em 2017, a Arábia Saudita empregou cerca de 10,3% de seu PIB em gastos militares<sup>6</sup>. Em 2018, o Estado foi o maior importador mundial de armas, comprando cerca de 12% do total das armas exportadas no mundo. Por outro lado, os Estados Unidos foram os maiores exportadores, responsáveis por cerca de 36% das armas vendidas no comércio internacional. Entre 2014 e 2018, a Arábia Saudita foi o maior cliente da indústria de armas norte-americana, adquirindo 22% das exportações totais<sup>7</sup>. As importações de armas do Reino Saudita aumentaram 192% entre os períodos 2009-2013 e 2014-2018. Nesses anos, os Estados Unidos supriram cerca de 68% da demanda saudita por importações (CEPIK et al., 2012, p. 46; SIPRI, 2019).

De acordo com dados do governo saudita, apenas 2% dos gastos militares da Arábia Saudita são despendidos domesticamente. O restante do orçamento é gasto com importações, e destinado, principalmente, aos Estados Unidos. Portanto, o Reino exerce papel relevante na compra de excedentes do complexo industrial-militar estadunidense e contribui para o seu desenvolvimento. Nesse setor, é possível, então, afirmar relação de dependência mútua (REINO DA ARÁBIA SAUDITA, 2019; SIPRI, 2019).

Segundo o ranking da Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI), elaborado com base em dados referentes ao período que se estende entre os anos 2000 e 2018, a Arábia Saudita ocupa o terceiro lugar entre os maiores importadores de armas do mundo (SIPRI, 2019).

**Tabela 2 - Importações de armas para os 10 maiores importadores, 2000-2018**

Rank 2000-2018	Rank 1999-2017	Recipient	2000-2010	2011-2019	2000-2018
1	1	India	\$20.785,00	\$27.243,00	\$48.028,00
2	2	China	\$26.194,00	\$10.252,00	\$36.446,00
3	3	Saudi Arabia	\$4.951,00	\$20.738,00	\$25.689,00
4	4	South Korea	\$12.480,00	\$7.327,00	\$19.807,00
5	5	UAE	\$9.585,00	\$10.019,00	\$19.604,00
6	6	Australia	\$8.106,00	\$9.456,00	\$17.562,00
7	8	Egypt	\$7.059,00	\$9.015,00	\$16.074,00
8	7	Pakistan	\$8.250,00	\$7.188,00	\$15.438,00
9	10	Algeria	\$6.082,00	\$8.695,00	\$14.777,00
10	9	Turkey	\$7.361,00	\$6.483,00	\$13.844,00

Nota: Tabela elaborada pelos autores a partir de dados extraídos de <<http://armstrade.sipri.org/armstrade/page/toplist.php>>

<sup>6</sup> Nesse mesmo ano, somente o Omã empregou porcentagem maior de seu PIB em gastos militares, aproximadamente 12,1% (SIPRI, 2019).

<sup>7</sup> Neste período, o Reino recebeu 33% das transferências de armas para o Oriente Médio. O Egito foi o segundo maior receptor, adquirindo 15% das transferências destinadas à região (SIPRI, 2019).



## Considerações finais

Klare (2004) afirma que uma estratégia de duas frentes direciona a política externa dos Estados Unidos. A primeira frente destina-se a assegurar o acesso a mais petróleo proveniente do resto do mundo. A segunda, por sua vez, consiste em reforçar a capacidade de intervenção estadunidense. Preocupações em relação à segurança energética originam a primeira frente, enquanto a segunda é motivada pela segurança militar (KLARE, 2004).

À medida que se intensifica a dependência dos Estados Unidos e da economia mundial em relação ao petróleo, aumenta-se a importância da força militar para garantir os fluxos desse recurso em quantidade e preços acessíveis aos países importadores. O resultado é, então, uma fusão entre segurança militar e segurança energética (e, conseqüentemente, entre as duas frentes estratégicas) na composição de um projeto único de dominação norte-americana no século XXI (FUSER, 2008, p. 213; KLARE, 2004).

Neste sentido, o alinhamento dos Estados Unidos com a Arábia Saudita é crucial, porque impacta diretamente estas duas frentes estratégicas. Como procuramos demonstrar, há uma relação de interdependência estrutural entre os dois países, passando pela compra e venda de petróleo e pela compra e venda de armas. A Arábia Saudita é o maior exportador global de petróleo e o melhor cliente da indústria bélica estadunidense (CIA, 2018; SIPRI, 2019).

Assim, as relações entre os Estados Unidos e a Arábia Saudita, entre 2001 e 2018, têm permanecido estáveis. A manutenção das relações, mesmo com diferenças partidárias importantes na Casa Branca, mostra que a Arábia Saudita ocupa uma função estratégica importante no exercício do poder global dos Estados Unidos. Portanto, o papel privilegiado da Arábia Saudita no governo de Donald Trump não representa necessariamente uma inflexão. Como procuramos demonstrar, a interdependência existente entre os dois países é estrutural, passando pela compra e venda de petróleo e pela compra e venda de armas.

O assassinato do jornalista Jamal Khashoggi e os absurdos da guerra no Iêmen serviram para despertar debates importantes sobre o papel da Arábia Saudita na política estadunidense. Houve iniciativas no Congresso no sentido de revisão desta relação. Entretanto, nenhuma dessas iniciativas, pelo menos até o presente momento, tem força suficiente para revisar a relação estratégica entre os dois países. Estes e outros condicionantes demonstram a força da Arábia Saudita como importante pilar para o exercício do poder global dos Estados Unidos no Oriente Médio.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKCELRUD, Isaac. *O Oriente Médio: Origem histórica dos conflitos; Imperialismo e petróleo; Judeus, árabes, curdos e persas*. 7. ed. Campinas: Atual Editora Ltda., 1991. 81 p. (Discutindo a história).
- ARRIGHI, Giovanni. *Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2008. 432 p. Tradução de: Beatriz Medina.

- BARRETT, Roby C. *Saudi Arabia: Modernity, Stability, and the Twenty-First Century Monarchy*. Florida: Joint Special Operations University, 2015. 123 p. Disponível em: <<http://www.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a620023.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2018.
- BRAGAGLIA, Maria. *Demandantes e Ofertantes ou os Dois Lados da Moeda: Petróleo e as Relações entre EUA e Arábia Saudita*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Federal de Uberlândia, 2015.
- CEPIK, Marco; BORBA, Pedro; BRANCHER, Pedro. Arábia Saudita e Segurança Regional após as Revoltas no Mundo Árabe. *Boletim Meridiano* 47, [s.l.], v. 13, n. 47, p.44-49, 03-04, 2012.
- CHOMSKY, Noam. *Quem manda no mundo?* São Paulo: Planeta, 2017. 400 p. Tradução de: Renato Marques.
- CIA. *The World Factbook*. 2018. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/>>. Acesso em: 04 abr. 2019.
- CNN. Jeremy Diamond. *Obama defends Saudi relationship: 'Sometimes we have to balance'*. 2015. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2015/01/27/politics/obama-saudi-arabia-zakaria/index.html>>. Acesso em: 10 abr. 2019.
- COCKBURN, Patrick. *A Origem do Estado Islâmico*. São Paulo: Autonomia Literária, 2015. 207 p. Tradução de: Antonio Martins.
- DORSEY, James M. Saudi Arabia and Iran: the Battle for Hegemony That the Kingdom Cannot Win. *Przegląd Strategiczny*, [s.l.], n. 9, p.357-373, 15 nov. 2016.
- HOBSBAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 182 p. Tradução de: José Viegas.
- INDEX MUNDI. *Petróleo - produção*. Disponível em: <<https://www.indexmundi.com/g/r.aspx?t=0&v=88&l=pt>>. Acesso em: 08 abr. 2019.
- \_\_\_\_\_. *Petróleo - exportações*. Disponível em: <<https://www.indexmundi.com/g/r.aspx?t=0&v=95&l=pt>>. Acesso em: 08 abr. 2019.
- \_\_\_\_\_. *Petróleo - importações*. Disponível em: <<https://www.indexmundi.com/g/r.aspx?t=0&v=93&l=pt>>. Acesso em: 08 abr. 2019.
- \_\_\_\_\_. *Petróleo - consumo*. Disponível em: <<https://www.indexmundi.com/g/r.aspx?t=0&v=91&l=pt>>. Acesso em: 08 abr. 2019.
- \_\_\_\_\_. *Petróleo-reservas provadas*. Disponível em: <<https://www.indexmundi.com/g/r.aspx?t=0&v=97&l=pt>>. Acesso em: 08 abr. 2019.
- KISSINGER, Henry. *Ordem Mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. 427 p. Tradução de: Cláudio Figueiredo.
- KLARE, Michael T. *Bush-Cheney energy strategy: procuring the rest of the world's oil*. 2004. Originalmente publicado por FPIF. Disponível em: <<http://www.resilience.org/stories/2004-01-18/bush-cheney-energy-strategy-procuring-rest-world's-oil/>>. Acesso em: 18 mar. 2019.
- FELDBERG, Samuel. *Estados Unidos e Israel: Uma Aliança em Questão*. São Paulo: Hucitec, 2008. 220 p.
- FUSER, Igor. *Petróleo e poder: o envolvimento militar dos Estados Unidos no Golfo Pérsico*. São Paulo: Unesp, 2008. 254 p. (Programa San Tiago Dantas de Pós-Graduação em Relações Internacionais).

- HAYNES, Peter. Al-Qaeda, oil dependence, and US foreign policy. In: MORAN, Daniel; RUSSELL, James A. (Ed.). *Energy Security and Global Politics: The militarization of resource management*. New York: Routledge, 2009. Cap. 3. p. 62-74.
- NEP2001. *Reliable, Affordable, and Environmentally Sound Energy for America's Future*: Report of the National Energy Policy Development Group. 2001. Disponível em: <<https://george-wbush-whitehouse.archives.gov/energy/2001/index.html>>. Acesso em: 20 mar. 2019.
- REINO DA ARÁBIA SAUDITA. *Vision 2030*. 2019. Disponível em: <<https://vision2030.gov.sa/en>>. Acesso em: 02 abr. 2019.
- ROCHA, Dyego Freitas; ALBUQUERQUE, Edu Silvestre de. Revisando o conceito de Heartland na Política de Contenção Ocidental do séc. XXI. *Revista de Geopolítica*, Natal, v. 5, n. 1, p.1-14, jan./jun. 2014.
- ROSS, Michael L. *A Maldição do Petróleo: Como a riqueza petrolífera molda o desenvolvimento das nações*. Porto Alegre: Citadel, 2015. 318 p. Tradução de Giselle Viegas.
- SANTOS, Eduardo Eugénio Silvestre dos. A Geopolítica do Médio Oriente. *Revista Militar*, Lisboa, n. 2488, p.521-0, maio 2009. Disponível em: <[https://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art\\_id=474](https://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art_id=474)>. Acesso em: 02 abr. 2019.
- SIPRI. *Trends in International Arms Transfers*, 2018. 2019. Disponível em: <<https://www.sipri.org/publications/2019/sipri-fact-sheets/trends-international-arms-transfers-2018>>. Acesso em: 09 abr. 2019.
- THE NEW YORK TIMES. Steven Lee Myers. *Bush Prods Saudi Arabia on Oil Prices*. 2008. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2008/01/16/world/middleeast/16prexy.html>>. Acesso em: 10 abr. 2019.
- U.S. ENERGY INFORMATION ADMINISTRATION. *U.S. Imports from Saudi Arabia of Crude Oil and Petroleum Products*. 2019. Disponível em: <<https://www.eia.gov/dnav/pet/hist/LeafHandler.ashx?n=p&s=mttimussa2&f=m>>. Acesso em: 08 abr. 2019.